

TV: *National Geographic* lança canal brasileiro na NET • 2

SEGUNDO CADERNO

Cinema: *Walter Lima Jr. ganha retrospectiva no CCBB* • 10

QUINTA-FEIRA, 21 DE SETEMBRO DE 2000

O príncipe do baião

Ao comemorar 50 anos de carreira, Dominginhos relembra sua história na MPB

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

O mais importante representante da música nordestina vivo está comemorando meio século de carreira. José Domingos de Moraes, o Dominginhos, aos 59 anos, lançou, pela Velas, seu primeiro CD gravado ao vivo. Nesta entrevista, lembra a infância difícil, o encontro com Luiz Gonzaga, seu contato com a MPB e fala da diferença entre baião, forró cearense e forró pé-de-serra.

• **GARANHUNS:** “Meu pai, Mestre Chicão, era tocador e afinador de sanfona de oito baixos. Trabalhava para todo mundo em Garanhuns (PE), onde nasci. Tocava em festas e também botava uma rocinha. Na época do ano em que a gente passava mais fome, quando a roça não dava porque não tinha chuva — ou então chovia demais, como lá na minha região, e alagava tudo — meu pai passava seis meses sem tocar, porque não tinha festa. E ele era o sanfoneiro mais conhecido das redondezas. Aí ele fazia farinha de meia, que é quando se divide as tarefas com amigos, um fazia farinha de mesa, os outros tapioca e beiju. Minha mãe lavava e passava para o dono de uma padaria e, no final do dia, trazia uns pães que pareciam ter sido feitos uns seis dias antes, de tão duros. Mas para mim estava tudo bem, com um pouco de farinha e água ficava satisfeito. Eu caçava, pescava, comia fruta do mato, sabia me ajeitar... Mas eram dez filhos.”

• **A ESTRÉIA:** “Um sábado, minha mãe acordou pensativa, olhou para os cantos, pegou a sanfoninha, o pandeiro e o melê (*instrumento de percussão*), pôs num saco e nos chamou. Chegando na feira ela disse: ‘Podem tocar!’ Aí choveu pratinha, ela conseguiu fazer uma feira bem grande. Foi a primeira vez que me lembro de ter tocado por dinheiro. A partir desse dia nunca mais passamos necessidade.”

• **LUIZ GONZAGA:** “Começamos a tocar na porta de um hotel, Tavares Correia, onde fico hospedado até hoje. Um dia

nos chamaram para tocar lá dentro, para um senhor que havia acabado de chegar. Era Luiz Gonzaga. Quando acabamos, ele nos deu um bolo de dinheiro para entregar ao pai e o endereço dele. Disse que, se um dia fôssemos para o Rio de Janeiro, ele nos ajudaria. Dias depois apareceu uma senhora, Dona Almerinda. Ela nos levou para um colégio interno em Olinda. Lá, procurou o dono da Rádio Clube de Pernambuco, Dr. Arnaldo, que nos presenteou com uma sanfona de 48 baixos. Nunca tínhamos visto um acordeom! Viramos atração nas rádios, tocávamos em tudo que era festa de aniversário. D. Almerinda vestia a gente muito bem, com jalequinho branco e gravata borboleta, passou a dar estudo e a empresariar. E naturalmente os cachês eram todos dela... Isso durou uns três ou quatro anos. De vez em quando meu irmão fugia, depois de levar uma surra, e corria para a casa do Dr. Arnaldo. Ele comandou uma sindicância na escola e D. Almerinda, muito magoada, nos expulsou. Voltamos para casa em situação ainda pior do que tínhamos vindo. Contamos a história para o pai, ele se lembrou do que Luiz Gonzaga havia lhe dito e achou seu endereço no Rio.”

• **RIO DE JANEIRO:** “Primeiro foi o meu irmão, e quase um ano depois, em 1954, a família toda. Chegamos e fomos para Nilópolis, onde meu irmão era empregado de uma tinturaria. Comecei a trabalhar lá, lavando roupa e fazendo entregas. Logo fomos bater em Maria da Graça, na casa do Luiz Gonzaga. Ele foi ao quarto e trouxe uma sanfona de 80 baixos para dar ao pai. Não sei mais da casa dele. Todos os dias eu assistia aos ensaios, até que, aos 16 anos, comecei a acompanhá-lo em gravações e shows. Depois fui contratado por um ano para tocar num cassino em Vitória, no Espírito Santo. Já viajei casado com a filha do dono da tinturaria, eu tinha 17 anos e ela, grávida da nossa primeira filha, 16.”

• **A ERA DO RÁDIO:** “De volta ao Rio, fui trabalhar na Rádio Nacional, no regional de Dante Santoro. Nessa época eu ainda não era conhecido como Dominginhos: era o Neném do Acordeom. Logo passei a acompanhar todos os cabeças-

chatas: além de Gonzaga, Jackson do Pandeiro, Marinês, Genival Lacerda, Trio Nordestino e outros. Na época áurea do rádio, toquei com Jorge Veiga, Ciro Monteiro, os mais populares. Isso sem contar as boates de Copacabana.”

• **COMPOSITOR:** “Comecei muito cedo a compor chorinhos e valsas, depois baiões, influenciado por Gonzaga. A coisa ficou mais séria quando conheci a cantora e compositora Anastácia. Com ela compus o baião ‘Esse mundo de amor’, minha primeira com letra. Foi gravada por Marinês”.

• **A MPB:** “Por volta de 1965 conheci Gil, Caetano, Gal, Chico e passei a me dar muito com eles, éramos mais ou menos da mesma idade. Em 1972 compus com Anastácia ‘Eu só quero um xodó’. Gil ficou maluco pela música. Então fui tocar na banda da Gal e do Gil, ele aprendeu o ‘Xodó’ e tudo floriu”.

• **FORRÓ:** “Forró era o baile. O Gonzaga também o classificava como um gênero musical derivado do baião. Ele já tinha feito o xote, o arrasta-pé, muito parecido com a discoteca americana. Lembro-me do Gonzaga dizendo que ia largar o baião, que o gênero estava muito desrespeitado e o iê-iê-iê estava tomando conta de tudo. Aí ele inventou uma nova batida no zabumba — ele tocava todos os instrumentos de percussão — esqueceu o baião e só falava em forró. Então descobri o que era forró, um ritmo mais jazzístico, melhor de improvisar. Tudo isso a gente deve ao Gonzaga.”

• **HERANÇA:** “O pessoal de agora toca o forró pé-de-serra, diferente do cearense. O original tem muita letra, é quase uma embolada. Como é mais difícil do público aprender, criaram esse novo forró, de melodia mais corrida, menos letra, com a adição de instrumentos como o teclado e o saxofone. Esse forró ajuda a gente porque vai difundindo uma coisa que a gente sabe que não é, mas o povo é muito sábio: descobre logo quem é quem e ninguém precisa brigar...” ■

MARIO ADNET é arranjador e compositor

O PERNAMBUCANO DOMINGINHOS

lembra seu trajeto: de Garanhuns para o Rio pelas mãos de Luiz Gonzaga

Luz Morier/3-12-94

